

## “No Espelho do Olhar do Outro”

### A TV Pínel e a Construção Coletiva da Auto-Imagem em Vídeo

#### The TV Pínel and collective construction of self-portrait

Doralice Araújo

Pesquisadora da FIOCRUZ

E-mail: [dora@ff.fiocruz.br](mailto:dora@ff.fiocruz.br)

Edvaldo Nabuco

Jornalista

E-mail: [ednabuco@yahoo.com.br](mailto:ednabuco@yahoo.com.br)

#### Resumo

O artigo aborda a potencialidade da construção coletiva da auto-imagem a partir da experiência da TV Pínel – TV comunitária produzida por usuários e profissionais do Instituto Philippe Pínel/Ministério da Saúde – Rio de Janeiro/Brasil. A partir de um diálogo entre a idealizadora e coordenadora do projeto (1994/99) e um ex-usuário e membro da equipe da TV, refletimos sobre o auto-retrato e das práticas sociais. A TV é vista como um importante instrumento de intervenção cultural – que possibilita a criação de uma nova imagem da loucura. A prática da TV Pínel e as reflexões decorrentes do processo estão inseridas no contexto da Democratização da Comunicação e da Reforma Psiquiátrica brasileira.

Palavras-chave: TV Pínel, auto-imagem, Democratização da Comunicação



“Eu tenho medo de mim

Quando me olho no espelho

Me vejo pelo avesso

Me sinto qual um troçoço(...)

Não tenho medo de mim

Quando me olho no espelho

Não sou mais um troçoço

Me sinto e reconheço

Me vejo pelo avesso (...)”

Trechos de “Narciso” Gilson Secundino

TV Pínel/99

“Não jogue fora a sua loucura, ela é real.”

Jorge Romano

“Poeta, músico e louco”, era como se apresentava Joe. Na abertura do primeiro programa da TV Pínel (1996), Joe mostra ao público, com sua poesia “Não jogue fora a sua loucura...”, sua crença na potencialidade da arte como possibilidade de expressão e de mudança. Joe era um poeta “louco”, como ele mesmo dizia. Louco no sentido atribuído pela clínica psiquiátrica. Louco como sujeito que, no processo de criação artística, subverte o estabelecido, reinventa, recria a cultura (Lima, 1998). Além do espaço da TV Pínel, Joe ocupava, com sua arte, outros espaços da cidade: como o CEP 20.000, no Espaço Cultural Sérgio Porto, Rio de Janeiro, onde foi lançado o seu livro “A União das Coisas Contrárias”.

Unindo contrários, aproximando diferenças, a TV Pínel surge como uma iniciativa do Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pínel/Ministério da Saúde, no Rio de Janeiro – Brasil. Criada em 1996, ela tem como principal objetivo contribuir com a mudança da imagem da loucura e possibilitar novas formas de convívio com a diferença em nossa sociedade.

Com o presente artigo, construído a partir de um diálogo entre Doralice Araújo, idealizadora e coordenadora da TV Pínel (1994/99), e Edvaldo Nabuco, ex-usuário (paciente psiquiátrico) e membro da equipe, pretendemos refletir sobre a potencialidade da construção coletiva da auto-imagem em vídeo, mediante uma prática social inserida no contexto institucional, como também

sobre sua contribuição para o processo de Democratização da Comunicação e da Reforma Psiquiátrica no Brasil.

“Dá para ser normal?”

A experiência da loucura deixa naqueles que a vivenciaram marcas profundas, que os acompanharão por toda a sua vida. Viver a experiência de um surto, e, como conseqüência, uma possível internação, pode acarretar sérios danos à pessoa acometida de um transtorno mental. Retornar a uma vida saudável é um caminho longo e doloroso a ser percorrido, sem a garantia do sucesso. Reconquistar a auto-estima e reconstruir a auto-imagem tornam-se o objetivo de muitos daqueles que passaram por tal experiência.

A TV Pínel surge como fruto de novas práticas de transformação cultural em relação à loucura, implantadas no Brasil pelo Movimento Nacional de Luta Antimanicomial. Com o intuito de veicular uma nova imagem da loucura, a TV Pínel proporciona aos usuários uma nova forma de expressar seus sentimentos e sofrimentos, garantindo-lhes o poder de intervenção na construção de um novo sentido para suas vidas - proporcionando um processo de elaboração pessoal, resgatando no sujeito a possibilidade de criar, inventar e participar ativamente como condutor de sua vivência particular.

Nesse novo cenário de discussão das questões relativas à saúde mental, o conceito de cidadania é palavra-chave, visto que esse conceito percorre os níveis da política, da cultura e da sociedade.

Devido à natureza do estatuto da alienação mental, ao louco é subtraída a possibilidade de inscrição no mundo da cidadania, no espaço da cidade, no mundo dos direitos. O conceito de cidadania, portanto, referido à doença mental, rompe o específico psiquiátrico e atrela o mundo da saúde mental àquele mais complexo, da sociedade civil (Delgado, 1992).

A Reforma Psiquiátrica é definida como “um processo histórico de formulação crítica e prática que tem como

objetivos e estratégias o questionamento e a elaboração de propostas de transformação do modelo clássico da Psiquiatria” (Amarante, 1996).

Com a Reforma Psiquiátrica, busca-se desenvolver a estratégia de encontrar um novo tipo de relação, de cunho contratual, entre pacientes, técnicos e sociedade. A relação de contrato implica possibilidade de “inventar novas estratégias de mediação”, que vão de estratégias médicas ou psicológicas a estratégias culturais, sociais e políticas.

No processo de Reforma Psiquiátrica, não se trata apenas de produzir novos serviços ou novos dispositivos terapêuticos, e sim de produzir novas possibilidades de vida para esses cidadãos em sofrimento psíquico. Daí a dupla importância de um projeto como a TV Pínel: a de servir de lugar de realização de novas possibilidades de existência para os pacientes e, simultaneamente, a de ser instrumento desmistificador da loucura para a sociedade – um instrumento de intervenção cultural.

Um dos maiores desafios de um projeto que pretende ampliar o acesso à apropriação da mídia pelos interessados é como fazer isso. Como fazer entrar, no imaginário das expectativas do cidadão com relação à TV, o desejo de se fazer ver.

Quando começamos a utilizar o vídeo com os pacientes do IPP, para uma série de debates sobre a Reforma Psiquiátrica no Canal Saúde/TVE, surgiram várias questões: Como mostrar imagens de pacientes psiquiátricos? A discussão foi levada para uma assembléia, com a participação de profissionais e usuários – “Não posso aparecer na TV como louco, e se me reconhecerem na rua? Mas eu trabalho, se aparecer na TV, posso perder o meu emprego. E se descobrirem que eu tenho condições de fazer um programa de TV? Vou perder o auxílio-doença? Mas podemos mostrar que não somos o que as pessoas imaginam! As pessoas também não sabem as mudanças no tratamento, não sabem o que já passamos. Concluímos, em conjunto, que seria importante mostrar para a sociedade uma outra imagem da loucura. Participar de forma ativa na luta por uma sociedade sem exclusão. O medo de

aparecer como louco aos poucos se transforma em um desejo de se fazer ver – de uma outra forma – com possibilidade de criar, de produzir – “Loucos, talvez. Mas sim, cidadão” (Ramos,1999).

A TV Pínel consolida-se como um importante instrumento de intervenção cultural no contexto da Reforma Psiquiátrica Brasileira e do Movimento pela Democratização da Comunicação, nos quais os pacientes são os emissores de suas próprias idéias e, assim, co-participantes da cultura – do processo de construir novas significações.

A TV Pínel, desde sua implantação, tem como principal objetivo priorizar a “fala” dos usuários, possibilitando, mediante recursos da linguagem audiovisual, um espaço de expressão, de criação, de exercício de cidadania. O projeto constitui-se também como espaço de trabalho e profissionalização, no qual um grupo de usuários deixa a posição de pacientes “inválidos e incapacitados” para ocupar o lugar de trabalhadores – produtivos, criativos e profissionais.

Na TV Pínel, os pacientes, num processo de criação coletiva, constroem um discurso bem-humorado sobre sua própria condição. A metodologia de trabalho participativo envolve usuários do serviço, integrantes da equipe de TV, técnicos e funcionários de outros setores do Instituto.

Os programas são em formato de revista, com uma linguagem própria, e nos quais o humor, a irreverência e a criatividade são uma constante – Freud Explica?, Loucotidiano, A Tragédia da Privada da Vida, A Endoidada, Dá para ser Normal?, De Doente a cidadão...

As estratégias de construção da visibilidade e, sobretudo, de ampliação do acesso do público às produções da TV Pínel envolvem: participação e premiações em festivais de vídeo nacionais e internacionais, tais como: VídeoSaúde, Tokyo International Vídeo Festival, Festival Mundial do Minuto, Festival Internacional do Making Of.

Os programas da TV Pínel são veiculados nos canais Comunitário e Universitário da TV a cabo do Rio de Janeiro, e no Canal Saúde/Parabólica

(Ministério da Saúde/Fiocruz/Embratel). Além disso, a TV Pínel foi tema de diversas reportagens da imprensa nacional e internacional, e de documentários. A intensa demanda de intercâmbio, apresentada por instituições públicas de Saúde Mental e Instituições de Ensino, traduz-se em uma série de oficinas, vivências, debates e participação em encontros e congressos.

Com a TV Pínel, criamos um espaço comunitário de construção coletiva da auto-imagem de um grupo de sujeitos singulares. Com isso, possibilitamos a criação de um território – marcado pelo imprevisto, pela liberdade de criação, pelo respeito à diferença.

## Uma TV-Processo

Assistimos hoje, como uma das consequências do processo de Globalização, a um retorno ao comunitarismo, a novas formas de “*pertencimento*”, que conferem uma nova subjetividade e identidade para determinados grupos.

A palavra comunidade tem aparecido como investida de um poder de resgate da solidariedade humana ou da organicidade social perdida (...) Solidariedade é, em termos de comunidade, uma verdadeira estratégia dos que, por viverem na escassez ou à margem, constroem um saber particular de convivialismo e de experiência local (Paiva, 1998).

A “*experiência da loucura*” e o *pertencimento* a uma comunidade específica – usuários do CAIS – Núcleo de Atenção Psicossocial do IPP – possibilitaram a união do grupo para criar um *dispositivo* – programas de TV – que se configurou como uma *estratégia* na luta pelos direitos básicos de cidadania, de conquista de um lugar na Mídia Globalizada e Homogeneizada, enfim, de conquista de uma nova identidade cultural.

Mais do que nunca hoje, de acordo com Martín-Barbero, parece pertinente perguntar sobre a *comunicação* como *processo e produto* – não de meios e

tecnologias, e sim de diversas *práticas sociais*. As práticas sociais são ações reflexivas entre interlocutores que coletivamente produzem sentidos à sua comunicação e conferem significados à sua ação.

Com a produção de imagens, a potencialidade de criação dos usuários dos serviços de saúde mental ganha uma dimensão social ampliada, com a perspectiva de visibilidade pública, e a visibilidade pública, na atualidade, acontece no universo da Mídia. Com imagens produzidas pelos próprios sujeitos sociais envolvidos na questão, um novo “*cenário de diálogo*” se estabelece com a sociedade.

No artigo “Um Malestar invisível: derechos humanos y comunicación”, Reguillo (1998) nos fala sobre a importância de se colocar a discussão sobre direitos humanos e comunicação no plano da Cultura, no debate sobre a inclusão e a exclusão – no contexto da experiência cotidiana em que os sujeitos se constroem como cidadãos. Considera também que a questão da democratização da comunicação não pode ser colocada exclusivamente como uma questão de visibilidade e acesso aos circuitos de comunicação de massa, para grupos e setores sociais que coexistem hoje em condições de desigualdade, e sim no repensar a comunicação não apenas em si mesmo, mas também em relação aos desejos e projetos que são seu motor.

Uma comunicação que realize os valores democráticos não é um problema de emissores e receptores, nem de simulacros de representação de atores sociais nos distintos meios de comunicação. O que se joga neste debate é a luta pela legitimação da palavra própria no contexto das múltiplas vozes (Reguillo, 1998).

O trabalho da TV Pinel está fundamentado em uma metodologia participativa, sob orientação de técnicos especializados, e com a qual os programas são realizados prioritariamente pelos usuários, em todas as suas etapas. Essa metodologia inspira-se nas TVs

comunitárias, que atuam com pequenos grupos. A equipe coloca-se como provedora de condições para que os pacientes possam se expressar e produzir.

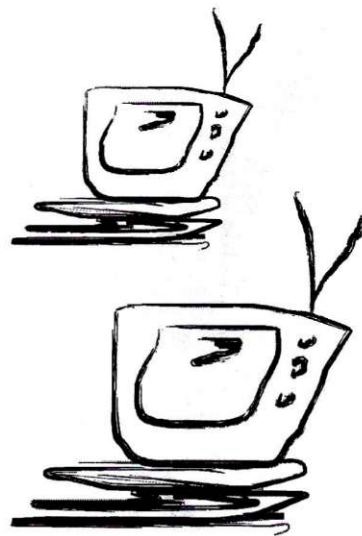
O objetivo maior traduz-se nas práticas cotidianas. O colega de ontem é o repórter de hoje. O simples desenhar vira vinheta. As histórias contadas e perdidas viram roteiros, textos, chamadas. Palavras-chaves, há muito esquecidas, viram entrada para a criação (Pinto, 1996).

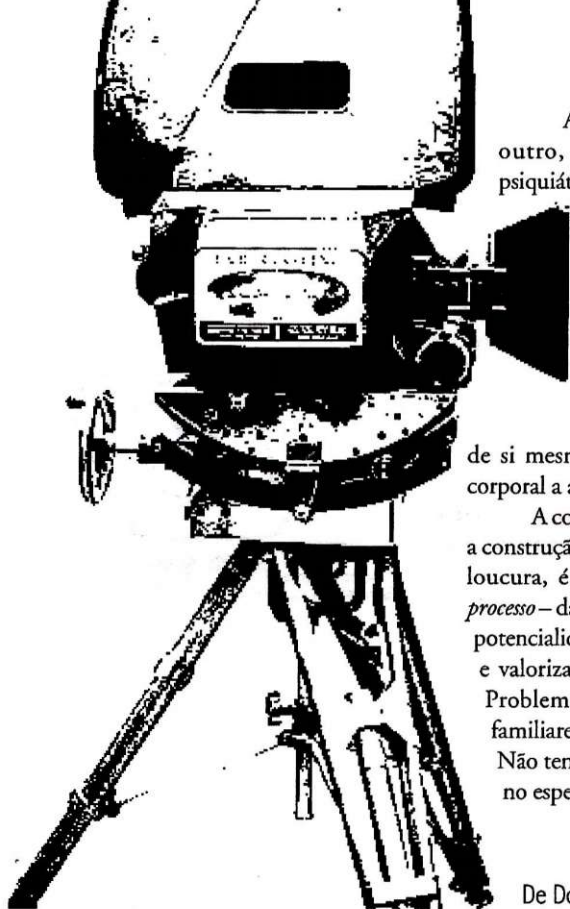
O processo participativo, no qual todos são considerados capazes de atuar diferenciam a TV comunitária de outras práticas comunicativas. É nessa “forma de fazer” que a TV Pinel traz contribuições ao processo de singularização de cada usuário e, de forma mais ampla, ao processo da Reforma Psiquiátrica e de Democratização da **C o m u n i c a ç ã o** (Araújo, Chaffin, Pinto, 1997).

O *Video-Processo* é uma prática que traduz o caráter crucial do processo de realização dos programas no universo da TV comunitária. Podemos considerar a TV comunitária como uma

TV-processo. Afinal, na criação de um programa televisivo em comunidade, o grupo precisa apropriar-se da tecnologia e definir a imagem que quer tornar visível através da TV (o que quer mostrar? Como mostrar?). Ao longo do processo são criados espaços onde é possível descobrir e trabalhar coletivamente as questões dispersas no cotidiano da comunidade, redimensionando o olhar sobre tais questões. Esse processo é tão ou mais importante que o produto final (Lima, 1999).

As TVs comunitárias podem ser consideradas como uma das *‘linhas de fuga’* para a homogeneização da TV de Massa e os processos de exclusão da sociedade. Como nos diz Muniz Sodré, “Na prática, as populações, os pequenos grupos de criação, vêm trilhando os caminhos da participação comunitária, que valoriza as microrrelações sociais e o espírito de solidariedade...” (Sodré, 1998).





Ao se ver sendo visto pelo outro, o usuário (paciente psiquiátrico) passa a construir uma outra imagem de si mesmo, a valorizar, ou não, determinadas características suas, a se observar de outra forma, a procurar melhorar. A cada gravação, a procura de uma imagem melhor de si mesmo – que vai da postura corporal a aspectos mais subjetivos.

A construção da auto-imagem, a construção de uma nova imagem da loucura, é fruto, portanto, de um *processo* – da possibilidade de expressar potencialidades adormecidas, aceitar e valorizar características próprias. Problematizar questões pessoais, familiares, institucionais e sociais. Não tendo medo de si, ao se olhar no espelho.

#### De Doente a Cidadão

Experiências ocorridas no dia-a-dia se transformam em programas, permitindo ao usuário re-significar sua crise. Como foi o caso do programa “Enlouquecer é...”, premiado com o 2º lugar no Festival de Vídeo de Teresina. Durante a reunião de pauta, um usuário, ao comentar a preocupação de um amigo em ser internado, inspirou um programa que mostrava como vários fatores do cotidiano da sociedade podem levar à loucura. Contas para pagar, o estresse das filas dos bancos, a miséria refletida no grande número de flanelinhas que perambulam pela cidade atrás de alguns trocados, dentre outros. O que a princípio parecia ser uma experiência individual e isolada, foi compartilhada por todos, mostrando que as dificuldades do dia-a-dia não estão restritas àqueles que tiveram um surto. Ao olhar a sua preocupação em forma de programa, bem-humorado, um novo sentido estava se dando para aquela situação.

“*Dá pra ser normal?*” segue a mesma linha. Ao entrevistar pessoas na rua sobre

a morte do índio pataxó Galdino, queimado por jovens em Brasília, nós levamos para as ruas, em uma intervenção denominada “Povo Fala”, a preocupação com temas do cotidiano e interrogando que sociedade é esta em que estamos vivendo. As discussões com as pessoas na rua fazem com que nós, usuários, reflitamos sobre o mundo que estamos criando e como é importante a participação desses novos atores sociais na construção de uma sociedade mais fraterna, que respeite as diferenças entre os sujeitos.

De paciente a ator social, o usuário passa a interferir na transformação do modelo assistencial e a se engajar em um processo que permita um tratamento mais humano e que favoreça a sua inserção no mundo da vida. A preocupação agora muda de vetor e deixa de ser apenas se eu vou aparecer como maluco, e sim de me ver no vídeo produzindo, criando, interferindo de uma forma descontraída, sensível e, acima de tudo, política. O desejo de aparecer bem no vídeo e transmitir uma mensagem de alegria, nos leva a uma maior preocupação com a nossa imagem e um sentimento de se aperfeiçoar cada vez mais na produção dos programas.

Essa relação de se ver no vídeo, para muitos, segue em um ritmo crescente, no qual a cada novo programa o usuário se reconhece mais como sujeito possuidor de vontades, desejos, alegria. A preocupação com a fala, com a forma de aparecer no telão e de refletir sobre o seu desempenho demonstra a riqueza dessa experiência individual e coletiva. O reconhecimento da equipe e das pessoas que assistem aos vídeos incentiva o aumento da auto-estima, além de criar fortes laços de amizade com os realizadores do programa. Assim, adquirimos a *identidade de atores que representam suas próprias experiências*.

#### No espelho do olhar do outro

A trajetória da inscrição do eu na própria obra remonta à literatura autobiográfica, ao diário pessoal, ao autorretrato pictórico e fotográfico. Na contemporaneidade, porém, a prática da

‘auto-imagem’ nos meios audiovisuais (fotografia, vídeo, cinema, internet) assume novas dimensões – tanto de intervenção cultural, quando realizado por minorias excluídas, quanto de espelho da subjetividade contemporânea.

A autobiografia contemporânea consiste em uma estratégia de resistência, utilizada por minorias étnicas, sexuais e outros grupos excluídos da sociedade e dos meios de comunicação de massa. Como linguagem, o *auto-retrato* constitui uma *prática social* – um registro em imagens de *sua condição* e possibilidades de mudança. A produção da auto-imagem em vídeo, por segmentos excluídos da sociedade, configura-se como uma ferramenta eficaz na luta por uma sociedade sem exclusão, na luta pelo respeito à diferença.

Como assinala Kátia Canton (2001), o auto-retrato sempre acompanhou o ser humano em seu desejo de deixar uma marca de sua própria imagem.

Essa auto-representação foi tomando formas diferentes no decorrer do tempo. Já na Pré-História, homens e mulheres desenhavam suas identidades com a marca das mãos dentro das cavernas. Colocavam as mãos contra a parede e sopravam pó colorido, marcando suas formas nesses locais protegidos, para que ficassem gravados para a posteridade (Canton, 2001).

De acordo com Bellour (1997), o auto-retrato se distingue da autobiografia pela ausência de sequência narrativa. O auto-retrato se situa no lado do analógico, do metafórico e do poético, mais do que no do narrativo. Onde a autobiografia se define por um limite temporal, o auto-retrato aparece como uma totalidade sem fim, na qual nada pode ser dado de antemão, já que seu autor anuncia: “*Não narrarei o que fiz; direi quem sou*”.

As obras dos vídeo artistas colocam, mesmo se não a formulam como tal, a questão: “*Quem sou eu?*”.

A ela respondem fazendo desse “eu” às vezes apenas vislumbrado, um ser de dispersão, de excesso, de deriva, de jogo, e o suporte visível de um anonimato que

possibilita acesso tanto à apreensão do mundo quanto às forças da inquietude pessoal (Bellour, 1997).

No contexto das *práticas sociais* que visam uma *inclusão visual* – a produção coletiva de um auto-retrato de modo interativo e participativo – a discussão transita pela possibilidade de construção de um discurso visual próprio. Da apropriação e construção de uma imagem singular, em contraposição à imagem clichê. Ao invertermos o olho produtor de imagens, possibilitamos a construção de um auto-retrato, no qual os sujeitos se “*reconhecem como atores de sua história*”.

Sabemos que a imagem na contemporaneidade é constitutiva da cultura e da subjetividade, incide sobre as formas de pensar e agir. Logo, apropriarse da imagem pode conduzir à construção de subjetividades singulares – exercendo seu potencial como sujeito e cidadão.

Possibilitar a apropriação da mídia televisiva é contribuir contra a exclusão, oferecendo o vídeo como meio e como mediação. Como um meio de expressão e valorização da cultura local, com sua dinâmica e subjetividades singulares. Como uma mediação, no sentido atribuído por Martín Barbero (2001) – o meio/vídeo possibilitando o estabelecimento de um novo cenário de diálogo com a sociedade. Assim, a imagem videográfica pode tornar-se mediadora do processo de inclusão sociocultural.

A identidade de um grupo e/ou de um sujeito é em parte definida pela forma como ele é visto pelos outros. Os conceitos de “identidade” e de “sujeito” são complexos e têm uma história, na qual são vistos de diferentes formas e pontos de vista. De acordo com Hall (2001), não devemos falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação e vê-la como um processo em andamento.

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (Hall, 2001).



*Nos identificamos como uma pessoa inteira, no “espelho” do olhar do outro.*

Não tenho medo de mim. Quando me olho no espelho

Produzir imagens, produzir cidadania – produzir em comunidade e buscar a criação de uma *outra imagem da loucura* e de *“novos modos de existência”*. Criar imagens que convidem ao fim do preconceito, mostrando que o potencial, o desejo e o direito de integrar-se à sociedade, de inserir-se no universo da criação e do trabalho, de circular pelos espaços públicos da cidade e da mídia são comuns a todos os cidadãos.

A TV Pinel por meio de sua prática cotidiana e pela veiculação e receptividade de seus programas, abriu um espaço sem precedentes para uma discussão pública sobre o lugar atribuído ao louco na sociedade. Mostrou a potencialidade da apropriação da mídia televisiva por diferentes segmentos da sociedade, para a construção de um discurso visual singular – que possibilita uma intervenção cultural. Com as intervenções de rua – onde buscamos a discussão de questões públicas em espaços públicos – temos o retrato de como lidamos com a loucura e com a diferença. Ao provocar discussões públicas, a TV Pinel traz uma grande contribuição, não só para questões específicas da saúde mental, mas para discussões fundamentais do mundo contemporâneo.

Dessa forma, a TV Pinel entra em cena como uma importante estratégia de *“empoderamento”* dos atores sociais envolvidos no processo. O enfrentamento é difícil e, para muitos, com uma carga de

sofrimento muito grande. Mas se o poder só se exerce sobre aqueles que estão livres e está disseminado em toda a sociedade, nas palavras de Foucault, continuaremos enfrentando e provocando em todos os espaços para nos mantermos livres em nosso poder de agir, até vermos a transformação desta sociedade em uma sociedade mais receptiva e acolhedora relação às diferenças.

A partir da experiência acumulada com a TV Pinel, estamos dando continuidade à utilização da imagem técnica – vídeo, fotografia e imagem científica – para a construção da auto-imagem de modo interativo/participativo por diferentes grupos sociais, mediante a implantação da linha de pesquisa *“Processos de Criação, Auto-Imagem e Inclusão”*, no Centro de Genética Médica do Instituto Fernandes Figueira/FIOCRUZ, no Rio de Janeiro - Brasil. *“A Cidade dos Sentidos”*: Um Estudo sobre o Processo de Criação da Auto-Imagem em Vídeo e Fotografia por Sujeitos Portadores de Deficiência Visual está sendo desenvolvido a partir de uma parceria com o Instituto Benjamin Constant – Ministério da Educação, Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da UFRJ e Ateliê da Imagem – Escola de Fotografia, Cinema e Vídeo.

Em todos os projetos, é a apropriação e a construção interativa/participativa da imagem, visando a construção de um auto-retrato, que norteiam nossa prática e pesquisa. Com a produção e apropriação de imagens pelos sujeitos envolvidos no processo, estamos possibilitando a produção de *“novas subjetividades”* e contribuindo com os processos de Democratização da Comunicação, da Reforma Psiquiátrica e da Humanização da Assistência em Saúde.

*P ara  
I ndicar que  
N ão somos  
E ternamente  
L oucos, é passageiro...*

*Fernanda Evans*

## Abstract

This paper deals with power of the collective construction of self-image based on the experience provided by TV Pinel – a community TV produced by users and professionals in Instituto Philippe Pinel/ Ministério da Saúde/Rio de Janeiro/Brazil. From a dialogue between the mastermind and coordinator of the project (1994/99) and a former user and TV team member, we speculated over self-portrait and social practices. The TV is seen as an important tool for cultural intervention – which makes it possible for the creation of a new image of insanity. The practice provided by TV Pinel and the speculations that result from the process are part of context of Redemocratization of Communication and the Brazilian Psychiatric Reform.

**Key Words:** TV Pinel, Self-image, Redemocratization of Communication

## Bibliografia

- AMARANTE, P., O homem e a Serpente: Outras Histórias para a loucura e a Psiquiatria, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996.
- ARAÚJO, D., “O Desejo se Fotografou” – Um Auto - Retrato Comunitário In: *STUDIUM 12 –Campinas: Instituto de Arte/UNICAMP* - [www.studium.iar.unicamp.br](http://www.studium.iar.unicamp.br); 2003.
- \_\_\_\_\_. “Fotografia e Pesquisa Participativa” – Laboratório de Imagens do Programa EICOS – Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia da UFRJ/UNESCO – [www.eicos.psycho.ufrj.br/](http://www.eicos.psycho.ufrj.br/), 2002.
- \_\_\_\_\_. Você é um Ator ou um Paciente? In: *Catálogo TV Pinel – 1996/1999*, Rio de Janeiro: Instituto Philippe Pinel, 1999;
- ARAÚJO, D.; CHAFFIN, C. PINTO, L., “TV Pinel: Focalizando um outro lado da loucura” – Saúde em Foco/Saúde Mental – A Ética do Cuidar, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro - Ano VI - nº 16, 1998.
- BARBERO, M., Dos Meios às Mediações – Comunicação, Cultura e Hegemonia: Prefácio de Néstor Garcia Canclini; tradução de Ronaldo Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.
- BELLOUR, R., Entre-Imagens: Foto, Cinema, Vídeo. Trad. Lucina A Penna. Campinas, SP:Papirus, 1997 - (Coleção Campo Imagético).
- CANTON, K., Espelho de artista, São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.
- DELGADO, P.G., As Razões da Tutela – Psiquiatria, Justiça e Cidadania do Louco no Brasil. Rio de Janeiro: Te Corá,1992.
- FOUCAULT, M., Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1975.
- GÓMEZ, G. O., Las prácticas en el contexto comunicativo. In: Chasqui no. 62 – Revista Latinoamericana de Comunicación, Quito, 1998.
- HALL, S., A identidade cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro, 2001.
- LIMA, R., Beirando a Linha do que já Existe... A TV Comunitária entre os paradigmas epistemológico e praxeológico – Belo Horizonte, 1997 (mimeo);
- \_\_\_\_\_. Uma TV Pinel. In: *Catálogo TV Pinel 1996/1999 – Rio de Janeiro: Instituto Philippe*, 1999.
- MOTA, R., Reflexões sobre o Projeto TV Sala de Espera. In: *Geraes – Revista de Comunicação Social – Belo Horizonte: Departamento de Comunicação Social da UFMG*, 1995;
- PAIVA, R., O Espírito Comum – Comunidade, Mídia e Globalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- PINTO, L., TV Pinel – Uma Coisa de Doido! – Relato de Experiência, Rio de Janeiro: Instituto Philippe Pinel, 1996 (mimeo).
- RAMOS, F., Sim-cidadão. In: *Catálogo TV Pinel 1996/1999 – Rio de Janeiro: Instituto Philippe*, 1999.
- REGUILLO, R. Un malestar invisible : derechos humanos y comunicación in Chasqui no. 64 – Revista Latinoamericana de Comunicación. Equador, 1998.
- SÓDRÉ, M. PREFÁCIO - O Espírito Comum – Comunidade, Mídia e Globalismo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.